

**“OS IMAGINATIVOS MEIOS  
QUE A NATUREZA TEM PARA  
EXTRAIR A VIDA DE ALGUÉM” –  
REPRESENTAÇÃO DO  
CORPO ENVELHECIDO EM  
*A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS***

**“THE IMAGINATIVE MEANS THAT  
NATURE HAS TO EXTRACT ONE’S LIFE” –  
REPRESENTATION OF THE AGED BODY IN  
*A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS***

*Marcelo Franz<sup>1</sup>*

---

**RESUMO**

A velhice e a condição do velho na sociedade contemporânea são temas importantes no romance *A máquina de fazer espanhóis* (2012), do escritor português Valter Hugo Mãe. Ambientada num asilo, por meio das experiências do protagonista, o Sr. Silva, o romance faz uma complexa leitura da interação do velho com sua memória pessoal e sua participação na história social de seu tempo. Propomo-nos a observar, na análise do texto de Mãe, nuances e detalhes da representação do corpo envelhecido, vendo nisso ilustrações do significado do envelhecer em nossos dias. Amparamo-nos teoricamente no conceito de “biopoder”, desenvolvido por Michel Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo; *A máquina de fazer espanhóis*; biopoder.

## ABSTRACT

Old age and the condition of the old in contemporary society are important themes in the Valter Hugo Mãe's novel *A máquina de fazer espanhóis* (2012). Set in a nursing home, this narrative makes, by means of the experiences of the protagonist, Mr. Silva, a complex reading of the interaction of the old man with his personal memory and his participation in the social history of his time. In the analysis, we propose to observe some nuances and details of the representation of the aged body, understanding the meanings of the old age nowadays. We use the Michel Foucault's concept biopower as theoretical support.

**KEYWORDS:** body; *A máquina de fazer espanhóis*; biopower

## VELHICE: INEXORÁVEL E INCOMPREENDIDA

Por certo, nada expõe de modo mais flagrante (e fragilizador) a temporalidade de que somos feitos do que a experiência do declínio físico. O corpo é definido por Merleau-Ponty como “nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203). Isso equivale a dizer que, mais do que “termos” corpo, “somos” corpo, em interação complexa com o mundo, sendo nossa corporeidade uma fonte de produção e captação de sentidos. Mas o corpo é também a forma de absorvermos, com as marcas da decrepitude, os sinais do tempo até o ponto de, parodiando o filósofo, deixarmos “de ter um mundo”.

Iniciemos a incursão pela análise do romance *A máquina de fazer espanhóis* (2012), de Valter Hugo Mãe, tomando como mote e epígrafe três considerações que refletem sobre o envelhecimento do corpo e a condição do velho em nossa sociedade:

A velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. (BOSI, 1994, p. 79)

O moderno medo de envelhecer e de morrer é um elemento constitutivo do neo-narcisismo; o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto que a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a necessidade permanente de valorização, de se ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, tornam a perspectiva do envelhecimento intolerável. (LIPOVETSKY, 1989, p. 58)

Infelizmente lidamos mal com a terceira idade. Achamos que qualquer dificuldade que um indivíduo sinta na terceira idade é a natureza que a impõe. Aceitamos mal que a socie-

dade seja culpada de alguma coisa que acontece aos mais velhos. Isso é hipocrisia e sobretudo medo de aceitar que vamos deixar de ser novos e que quanto mais precaveremos o futuro, mais humanos e melhores cidadãos seremos. (MÃE, Apud CASTRO, 2013)

O que iguala as três afirmativas, situadas em contextos distintos, é a percepção inevitável do envelhecer como “crise”. Que se saliente a anotação de Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de que essa crise surge de preconceitos do “outro”, eventualmente sendo provocada pelo modo como se compreende o velho, entendido numa condição de sub-humanidade, o que leva à dramática percepção de que ser velho pressupõe a luta por superar isso. De todo modo, o mal não estaria no próprio envelhecer, mas nos modos como essa etapa da vida é significada socialmente.

Isso se aproxima do pensamento de Simone de Beauvoir ao afirmar, no livro *A velhice*, que a decadência e a finitude são aspectos mais percebidos pelos outros do que pelo próprio sujeito que envelhece. É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro, e tratamos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós (BEAUVOIR, 1990).

Em linha de entendimento complementar à de Ecléa Bosi, mas situada numa perspectiva sociológica de análise da pós-modernidade, Giles Lipovetsky, em *A era do vazio*, associa a recusa ao velho à hipervalorização dos dotes físicos (beleza e desempenho), que estão longe de serem atributos facilmente encontráveis – nos termos demandados pela sociedade contemporânea – em corpos velhos. Longe do padrão estético ou de funcionalidade estabelecidos pela sociedade, o corpo envelhecido, associado à “degradação das condições de existência das pessoas idosas” é visto como um “mal” a se evitar, como se não fizesse, como diz Ecléa Bosi, parte de uma realidade “natural” de nossa existência.

Já Valter Hugo Mãe, autor do romance que aqui analisamos, chama a atenção, em entrevista ao jornal *A Voz da Póvoa*, em 2010, para o fato de que é por não aceitarmos o devir de nossa experiência no mundo – do qual fazem parte a velhice e a limitação do corpo – que recusamos os velhos, o que para eles, por vezes, é mais grave do que as limitações da idade. Lidar mal com a terceira idade é mais ou menos como tratá-la na “terceira pessoa”, como vivência distanciada e recusável.

Um fato incontestável nas sociedades modernas é o aumento médio da expectativa de vida que, aliado à diminuição da taxa de natalidade (sobretudo nos países desenvolvidos), faz com que a população idosa seja hoje crescente. Contudo, como se sabe, as condições gerais do sujeito envelhecido em nossa sociedade não são as mais favoráveis. Não há uma correspondência entre o aumento do número de velhos e a sua plena experiência de direitos sociais ou relevância cultural. Uma pergunta retórica necessária

em vista desse contexto é: qual a representatividade da velhice como tema na literatura contemporânea? Que figurações do corpo envelhecido prevalecem nos discursos ficcionais atuais?

Encarnando possibilidades de resposta a esses questionamentos, a obra de Mãe alcançou notoriedade e reconhecimento, em Portugal e no exterior, sendo o autor ainda jovem. *A Máquina de fazer espanhóis*, um de seus romances mais celebrados, é uma ousada incursão pelo universo da velhice, que se abre a uma gama vasta de debates sobre a identidade nacional, a memória individual e as complexidades da sociedade pós-moderna. A nosso ver, esses subtemas derivam da centralidade do tema do envelhecimento e do espaço do homem velho num mundo em crise de valores.

Ao propor entendimentos complexos da velhice, oscilando entre a alegoria e o realismo, a ficção de Mãe ecoa algumas reflexões sobre esse tema encontradas no pensamento de Michel Foucault ao formular sua tese a respeito do “biopoder”, entendido como estratégia política e discursiva de controle e subjugação dos corpos – com a subjacente triagem dos “aptos” ao sistema produtivo, o que exclui os velhos.

Antes de estabelecer essa aproximação e de verificar como isso se manifesta no romance, convém nos determos no entendimento desse tópico da reflexão de Foucault percebendo a sua definição de corporeidade e seu entendimento do uso do corpo para os interesses do “progresso” material da sociedade. Como veremos, o biopoder entende o corpo envelhecido como inutilizado socialmente e não afeito à dinâmica de produtividade e consumo. Ser velho é como ocupar um “no where” social, questão de grande relevância em *A máquina de fazer espanhóis*.

## **BIOPODER: CORPOS A CONTROLAR E DISCIPLINAR**

Um dos temas fortes da filosofia de Michel Foucault é a sua “analítica do poder”. A rigor, em sua obra, não haveria uma “teoria do poder”. A própria conceituação do poder, essa abstração multiforme e impalpável, difusa no todo de nossas interações, é refutada quando se admite que mais importantes são as “relações de poder”, isto é, “formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”. (MACHADO *in* FOUCAULT, 1979, p. X).

Foucault elabora o conceito de biopoder (e biopolítica) no primeiro volume de *História da Sexualidade*, constituindo-o como uma espécie de complementação de sua ponderação a respeito das práticas disciplinares, entendidas como manifestações preponderantes nos exercícios de poder nas sociedades modernas, especialmente a partir dos séculos XVIII e XIX. Segundo o autor, nessa época se institui, pela criação de espaços modernos de regramento coletivo (a escola, a caserna, a fábrica, o hospital, a prisão, etc.), o controle das vivências individuais, voltado para a nor-

malização e o adestramento dos corpos em ambientes que os “docilizam”, habilitando-os à produção industrial, base do capitalismo emergente.

Nesse contexto de produtividade material, o corpo é visto como máquina, sendo o seu controle centrado “no adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 1988, p. 151). A eficiência desse processo de maquinização depende da disciplina imposta pelos ambientes onde os corpos permanecem sob estrito controle e vigilância permanente. Cria-se, assim, o que o autor denomina “sociedade disciplinar”.

O biopoder é uma extensão “programática” da disciplina imposta nesses espaços de “vigiar e punir”. Segundo Foucault, trata-se de uma experiência de controle (e poder) voltada não aos corpos individualizados, mas ao “corpo-espécie”. Em suma, o alvo das discussões políticas passa a ser os processos biológicos, por meio da intervenção do poder estatal sobre nascimentos, mortalidades, saúde da população (doenças e epidemias, por exemplo), da longevidade, etc. (FOUCAULT, 1988, p. 152). Tal intervenção se manifesta em duas práticas antagônicas e complementares: de um lado o poder sobre a vida busca “priorizá-la”, entendendo ser função do agente político concretizar condições práticas para que ela se efetive. Por outro lado, o aperfeiçoamento e o melhoramento das condições de vida se voltam ao objetivo de controlar a população e adequá-la aos processos econômicos (FOUCAULT, 1988, p. 154).

É preciso considerar que essa espécie de poder sobre os corpos se realiza na forma de um controle mais sutil do que o observado nas chamadas “sociedades de soberania” antigas, nas quais o tirano dispunha do poder “de vida e morte”, selecionando, em casos de guerra e calamidade, os corpos sacrificáveis para o bem comum, com isso causando a morte para “deixar viver”. Nas sociedades disciplinares, impera, no lugar disso, uma lei que visa não mais promover a morte, mas “distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade” (FOUCAULT, 1988, p. 157). O biopoder articula sua práxis a partir de um discurso de manutenção e gestão da vida em sentido amplo, organizando-a, ampliando sua extensão e, em todos os casos, vigiando-a para que seja útil e operosa aos aparelhos de produção capitalistas.

Nesse sentido, o alvo do poder voltado à vida é o de manter as comunidades e as populações saudáveis, o que leva à valorização das ciências médicas – tornadas imprescindíveis com o primado do cientificismo a partir do século XIX – e sua crescente influência nas práticas e discursos do poder político e econômico. As preocupações do estado com o corpo inserem-se num complexo de relações de poder. A busca pela saúde visa ao controle e ao disciplinamento. Segundo Foucault:

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmen-

te pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 1988, p. 80)

O gerenciamento do corpo envelhecido é um dos mais complexos paradoxos do biopoder. Em tese, a ideia de disciplinamento sobre a ação e a expressão desse corpo se faz notar nos discursos contemporâneos, seja na mídia, seja no mercado de trabalho, que sublimam os méritos do corpo jovem com sua beleza e sua operosidade produtiva. Paralelamente a isso, há a indução falaciosa (ou oportunista) a se construir artificialmente a “juventude eterna”, censurando a identidade expressa pelo corpo do sujeito velho. O controle se manifesta de variadas formas, tanto na seleção que exclui das possibilidades de emprego e consumo o cidadão velho, quanto na materialização de espaços de reclusão, como os asilos.

Por outro lado, grande parte dos recursos destinados à saúde pública e à previdência social tem como meta o atendimento a essa parcela crescente (e em alguns contextos já majoritária) da população. É paradoxal que haja ao mesmo tempo estratégias de manutenção e não inclusão dos sujeitos velhos, que o corpo velho seja, potencialmente, um triunfo do progresso científico, que permite o aumento da sua longevidade, e seja simultaneamente rejeitado como paradigma de beleza e desempenho físico. Em suma, somos levados a viver mais, mas temos o envelhecimento como um entrave para a plena socialização e a plena cidadania.

De certa maneira, o corpo velho, do modo como se o rejeita, é um mistério a se desvendar ou desmistificar. Usualmente associado ao decrepito ou ao mórbido, esse corpo é alvo de todo tipo de redução caricatural (que salienta a fragilização dos velhos) e de des-subjetivação, que impõe a invisibilidade do indivíduo envelhecido. Buscaremos entender como Valter Hugo Mãe representa literariamente o corpo envelhecido em seu romance.

## FELIZ IDADE?

*A máquina de fazer espanhóis* foi lançado em Portugal em 2010, tendo edição brasileira dois anos depois. Compõe a tetralogia de que fazem parte também os romances *O nosso reino* (2004), *O remorso de Baltazar Serapião* (2006) e *O apocalipse dos trabalhadores* (2008). Embora não se percebam elos de continuidade entre os textos, há, como plano geral, a intenção de tomá-los como partes de uma visão panorâmica das diferentes fases da vida a partir das idades dos protagonistas e de suas experiências. Assim, *O nosso reino* é uma reflexão sobre a infância, *O remorso de Baltazar Serapião* investiga a adolescência, *O apocalipse dos trabalhadores* atém-se à vida adulta e *A máquina de fazer espanhóis* volta-se para a velhice.

Há neste romance uma correspondência clara entre a concepção formal e a proposta temática na medida em que o desconforto da leitura – proporcionado pelo uso exclusivo de letras minúsculas e pela ausência

de limites entre as falas dos interlocutores no discurso direto – é funcional para a complexidade do debate que se enuncia na trama que assume a velhice como assunto principal. O espaço de ação, o lar de idosos Feliz Idade, é descrito (porque sentido) pelo protagonista e narrador, o velho António Silva, a partir do desconforto que provoca. Desse modo, a linguagem que constrói esse personagem e o ambiente que o acolhe, com sua carga simbólica, traduzem discursivamente o conflito do sujeito com o mundo onde se situa e com a identidade (social e existencial) que assume: a de um idoso sem perspectiva de plena inclusão no mundo atual.

Por meio do que vivenciam o Senhor Silva e os outros utentes do asilo, o livro se dá ao debate da decadência, da perda, da solidão, além de refletir complexamente sobre a portugalidade em sua história recente e atual. Há na opção pelo asilo como espaço da ação uma forte carga metafórica, uma vez que isso induz o leitor a comparar o lugar ao próprio país e seus descaminhos, persistindo nesse nexos simbólico a sensação geral de abandono. Com efeito, a identidade nacional é assunto reiterado pelo memorialismo a que se dão os personagens, que são tanto agentes como vítimas dos desastres da história social que presenciaram, verdadeiros “sobreviventes” (não de todo ilesos) do século XX, sobretudo do longo período, testemunhado por eles, de vigência do salazarismo em Portugal.

Em seu memorialismo intranquilo, Silva revê, saudoso e crítico, os significados de uma série de figuras míticas e históricas do país no século XX: Fátima, Salazar, Fernando Pessoa, Eusébio, Amália Rodrigues, etc. Mas, ao mesmo tempo, assuntos da realidade atual são tocados de modo ora doloroso, ora irônico. Mais que todos, a problemática inclusão de Portugal no contexto da Comunidade Europeia – aspiração maior do Portugal redemocratizado – é um assunto de relevância nos diálogos dos velhos do asilo, vítimas, como o país, de uma progressiva degradação tanto dos ideais, quanto do corpo.

É dessa degradação física que passaremos a tratar. A circunstância que levou Silva ao Feliz Idade é a da perda da esposa, Laura, descrita no primeiro capítulo. A morte da companheira, origem da posterior decisão de sua filha, Elisa, de interná-lo, é sentida como dilaceração ou mutilação, uma rica metáfora corporal assim apresentada pelo narrador:

foi como se me dissessem, senhor silva, vamos levar-lhe os braços e as pernas, vamos levar-lhe os olhos e perderá a voz, talvez lhe deixemos os pulmões, mas teremos de levar o coração, e lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante. (MÃE, 2012, p.21)

Cabem algumas considerações justamente sobre essa última frase citada, que dialoga ironicamente com o sarcástico nome do asilo onde Silva viverá seus últimos dias. A felicidade que “não lhe será permitida” é a mesma prometida (e não realizada) no nome do lar Feliz Idade. Esse nome, obviamente, é uma variação abrandada do já em si eufemístico termo “ter-

ceira idade”, usado como substituto do desagradável conceito de velhice. A denominação “numerada”, aparentemente isenta, é uma opção discursiva “politicamente correta” que revela o desconforto que a mera menção à velhice carrega. Numa suposta deferência respeitosa ao portador desse mal, opta-se por classificar o idoso (ou seriá-lo, como se as idades fossem níveis escolares numeráveis) de um modo menos comprometedor. Mas a deferência, evidentemente, pressupõe a percepção negativa – ainda que “protetora” – de quem, ao rejeitar o termo velhice, rejeita essa realidade, abrandando-a com o discurso. Atualmente, a própria denominação numerada vem sendo substituída por uma adjetivação artificialmente positiva, que trai certa condescendência na discriminação eufemística: “melhor idade”, “feliz idade”, etc.

Mas o fragmento citado intriga pela descrição de uma sensação de fracionamento do eu diante da realidade da morte, o que é metaforizado na dispersão – em partes desconexas e que vão a destinos diferentes – do corpo do sujeito, que se vê abandonado e condenado a um futuro que contraria o nome do lugar para onde ele vai. A alma dilacerada se equipara, na dor que provoca, à divisão do corpo, algo por si só doloroso e claramente reiterado nesta sequência:

naquele tempo, sem braços e sem pernas, sem olhos e perdendo a voz, absolutamente sem coração, eu não comunicava, era notório que entendia o que me diziam e poderia corresponder a alguns chamados com atenção e respeito, mas não se começavam grandes conversas porque eu não proferia palavra alguma, tinha a voz afundada no húmido dos órgãos e não havia modo de a secar ao cimo do hálito. (MÃE, 2012, p. 26-27)

Não há como não se notar a insistência do texto de Mãe em associar, pela narração de Silva, o trajeto da dor anímica e existencial a imagens do corpo em frangalhos ou torturado. Citamos uma sequência de grande força poética que, de certo modo, repete a imagem dos trechos vistos acima e que se refere a uma das experiências do desconforto psíquico vividas por Silva pouco tempo depois de se instalar no asilo:

eram três da manhã e os abutres já haviam disseminado o meu corpo pelos seus estômagos azedos, acendi o candeeiro e limpei o suor da minha cabeça, acedi ao corredor e não hesitei, no quarto dezasseis dormia a dona marta, a mesma de sempre, magoada e triste, velha e um pouco histérica para suportar o abandono e a morte. (MÃE, 2012, p. 39)

Internado a contragosto, sentindo-se agredido pelo lugar (ao qual afinal se adaptará, fazendo amizades), Silva, com sua saúde fragilizada, tem noites de sono difícil logo após a chegada ao lar de idosos. É incomodado por uns pesadelos constantes, em que se vê atacado por abutres que, a exemplo da descrição da sensação da perda da esposa, o dilaceram e devoram. Mas os pesadelos o levam também ao sonambulismo. Nessas ocasiões,

Silva, inconsciente, pratica atos violentos especialmente contra Dona Marta, uma utente mais antiga a quem, de modo inexplicável, ele se dirige nos seus transe, agredindo-a enquanto ela dorme. Segundo ele, Dona Marta, “a dormir, era como um ridículo animal que não atentava na sobrevivência e se expunha frágil aos imaginativos meios que a natureza tem para extrair a vida a alguém” (MÃE, 2012, p. 160-161). Um corpo frágil, afinal, com o qual Silva se identifica, sendo, possivelmente, a violência dirigida a ela a recusa de uma condição que ele reconhece em si mesmo.

Essa agressividade sem sentido – que contrasta com a tímida aproximação afetuosa que ele lhe dirige em certa altura da trama, escrevendo de modo incógnito cartas que ela recebe como se fossem do marido ausente, pelo qual ela espera há tempos – mostra a complexidade da relação do personagem com seus fantasmas internos (muitos deles ligados à culpa pela adesão, no passado, ao regime fascista), o que se traduz num ódio que só tem ocasião de se liberar no sonho.

Não se pode dizer que Silva seja um sujeito pacífico ou resignado em sua experiência no asilo ou na convivência com os colegas, alguns em condições piores do que as dele, seja na saúde física, seja na psíquica. A percepção de ser um “enjeitado” é respondida com atos assertivos e altivos de resistência, quando não de desobediência. Silva tem conflitos com a ordem estabelecida no ambiente de internamento forçado, que estabelece regamentos e determina limites para a liberdade dos velhos. A sequência abaixo nos traz algumas imagens das instalações do asilo e do modo como, instigado por alguns comentários de colegas internos, mesmo sem provas – apenas para externar revolta diante das regras da casa –, Silva passa a se convencer de que as mortes (frequentes) ocorridas no asilo fossem provocadas:

os quartos da ala esquerda deitam sobre o cemitério. o médico olhava para o chão e fazia ar de quem não via nisso mal algum: e voltava a dizer, deitam sobre o cemitério, é verdade, mas são ocupados pelos nossos utentes que, infelizmente, já não se podem levantar (...) tive a certeza de que, mais tarde, quando o corpo me traísse por completo, haveria de estar acamado e mudado para um daqueles quartos com vista para o cemitério, que era o caminho (...) no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença (...) um dia, havemos de esboroar-nos na luz. esta brancura é um estágio para a desintegração final. (MÃE, 2012, p. 24)

o lar não suporta mais do que setenta e três pessoas, e, para que uma entre, outra tem de sair. a saída é dolorosa mas rápida. rodam-se alguns velhos pelos quartos fora. eventualmente um que esteja acamado vai para a ala esquerda, já muito vizinho dos mortos [...] é frequente que, nas primeiras semanas, alguém rejeite o novo residente, como se a urgência de este entrar operasse no cosmos uma pressa em tirar a vida ao outro (MÃE, 2012, p. 27)

A relação complicada de Silva e de outros utentes com os espaços do asilo surge da sensação de vigilância – real ou imaginada – vinda do controle que, supostamente, as regras do Feliz Idade impõem, nos termos de Michel Foucault, aos corpos dos velhos, estabelecendo ações possíveis em espaços determinados, encaminhando os mais fracos a um espaço de exclusão ou morte. Segundo Foucault, em *Vigiar e Punir*, o processo de disciplinamento corporal nos espaços de reclusão permite medir desvios, determinar níveis, reforçando a individualização dos sujeitos. Entre os mecanismos para tornar os corpos dóceis, está a delimitação de espaços e a atribuição dos sujeitos a espaços bem definidos e ordenados (atividades determinadas de acordo com o grau de dependência, por exemplo) (FOUCAULT, 1999).

A percepção da limitação do corpo faz com que o tema da morte seja uma constante na interação dos personagens. Isso leva Silva e seus colegas a acreditarem que, mais cedo ou mais tarde, terão de “rodar” pelos quartos até se dirigirem à ala do prédio que é contígua ao cemitério (e essa proximidade é entendida como um sinal de que os que para lá forem é para não retornar). É ainda Foucault quem nos explica a relação entre os asilos e a morte, vendo na institucionalização dos “cuidados” médicos necessários à situação de internamento uma razão para a demarcação de espaços e o consequente controle dos corpos em decorrência disso:

Pouco a pouco um espaço administrativo e político se articula em espaço terapêutico; tende a individualizar os corpos, as doenças, os sintomas, as vidas e as mortes; constitui um quadro real de singularidades justapostas e cuidadosamente distintas. Nasce da disciplina um espaço útil do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 1999, p. 171).

No espaço destinado à morte no asilo, algumas figuras se destacam como sinalizadores incômodos de que a hora de Silva também chegará, e a ida para aquela parte do prédio é inexorável. Alguns dos frequentadores habituais da ala dos “irreversíveis” são o Senhor Medeiros e o “Enrique de Badajoz”. Entre eles o que é apresentado de modo mais detalhado e com um afeto especial (porque se torna um amigo fiel de Silva), é o Senhor Pereira, acometido por um câncer de próstata que o leva a uma progressiva degradação, acompanhada de perto – e com um envolvimento comovido – pelo narrador. Elucidativa é esta definição de dor física dada por Pereira: “um cancro, já ouviu falar, começa numa ponta do corpo e vai até à ponta da alma, não tem medida e até o que está à nossa volta nos dói” (MÃE, 2012, p. 221). Em suma, é como se a dor fosse maior do que próprio corpo, ou nele não se bastasse. Pereira vivencia o avanço incontável da degradação pela doença sentindo vergonha pela debilidade que apresenta enquanto seu corpo perece:

o senhor pereira fez na cama e acordou uns minutos depois, alterado de terror, incrédulo, imerso no odor nauseabundo que quase lhe impedia os sentidos [...] acendeu a luz e come-

çou a tirar o pijama limpando-se com os lençóis e chorando. chorava já abrindo as portadas das janelas e pensando na vergonha, envergonhado de si mesmo, sozinho, a meio da noite (MÃE, 2012, p. 167).

Em sua tese de doutorado sobre a obra de Valter Hugo Mãe, a estudiosa Maria Leonor Pereira Oliveira Castro atém-se ao significado do intrigante título da obra, e informa que, num sentido primário, a “máquina de fazer espanhóis” é uma metáfora do próprio país, fadado, de geração em geração, de crise em crise e de desgoverno em desgoverno, a ter de enviar seus filhos para longe. Trata-se, pois, de uma máquina de fazer expatriados ou emigrantes. Contudo, em outro sentido, ela levanta a possibilidade de a “máquina” em questão referir-se, conotativamente, ao funcionamento crescentemente deteriorado do corpo, algo percebido pelo narrador nos outros e, por fim, experimentado por ele mesmo. Segundo Castro, o corpo que aos poucos se vai é a concretização da

ideia de uma perfeição efémera, de uma perfeição que seduz e inebria, mas que magoa quando, ultrapassada, deixa de funcionar. [...] Neste sentido, a *máquina* é metáfora do corpo; e o corpo a envelhecer é uma máquina que vai deixando de funcionar até ao desligamento final. (CASTRO, 2013, p. 65-66)

É o que vemos na descrição das sensações de Silva ao ver-se aos poucos longe do antigo “funcionamento”:

a velhice, pensei, é o cérebro que alui corpo abaixo, até ficar a atrapalhar o funcionamento dos outros órgãos [...] senti que me aluíam as ideias, desapareciam, e a clareza das coisas escurecia e eu não fazia mais lógica nenhuma no que sempre regulara o termóstato da minha febre (MÃE, 2012, p. 171).

o meu cérebro estava a afundar-se, estava a aluir corpo abaixo, já depois do coração, lentamente, a desregular o sítio de cada coisa, a queimar-se como em erosão pelo atrito em pedra rugosa [...] falta pouco tempo, antónio, pensava eu, falta pouco tempo para isto tudo se desligar (MÃE, 2012, p. 245-246).

A hipótese do corpo entendido como máquina a funcionar põe-nos o tema da “utilidade” do corpo teorizada por Foucault em sua reflexão sobre o biopoder. Como utensílio para os fins do sistema, regrado e vigiado (punido quando fora de suas especificações), o corpo é admitido, incluído, apto a gozar o privilégio de uma possível (embora não plenamente livre) expressão na sociedade. Desprovido de sua funcionalidade, pouco apto à produção, o corpo velho se vê ao mesmo tempo carente de cuidados e condenado a um não-lugar na dinâmica social. Foucault sintetiza essa situação ao asseverar:

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] Não se trata de cuidar do corpo,

em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. (FOUCAULT, 1999, p. 126).

O que notamos, por fim, como tônica (que assume ares de uma alegoria complexa reiterada em muitos pontos do romance), é a descrição do flagelo físico – para além do sentido literal que tem – como uma alusão à perda da condição de “docilidade-utilidade” do velho na sociedade. Em mais de um momento, como vimos, o retrato do corpo pelo protagonista-narrador se estrutura na visão, por vezes absurda – mas rica como construção poética –, do dilaceramento, das partes desconectadas ou fragmentadas, originando uma funcionalidade comprometida. A intensidade dessa metáfora é evidente na narração do momento final de António Silva, quando, mesmo revelando-se um homem fragilizado – e já não mais disposto à revolta que chegou a preconizar nos primeiros dias de permanência no Feliz Idade – ele busca, utopicamente, a reconstituição de uma integridade:

eu precisava que me deixassem morrer inteiro. um monte de peles e carnes derrubadas, mas inteiro, com a vergonha de ter sido conivente e o orgulho de ter percebido tudo. porque eu precisava de morrer consciente, recordando cada minuto do tempo com a minha lura, recordando como a vida se fizera em torno dela e da família, como me terá parecido que assim devia de ser um homem, como assim me havia bastado a cidadania. assente sobretudo no amor. não me tirem a consciência do amor e da sua perda (MÃE, 2012, p. 249).

## CORPO ENVELHECIDO OU ENVILECIDO?

Os modos de se nomear e entender o corpo são construídos culturalmente. Tal construção é alicerçada em discursos que engendram ou condicionam ações, que se manifestam em práticas sociais. É ingênua a reiteração da abrangência daquilo que cabe, em termos de variedade, no conceito de corpo. No entanto, na sociedade contemporânea, os discursos baseados no prestígio material, no consumismo e na obtenção de *status* estabelecem não a riqueza da pluralidade, mas a limitação do “único” possível como paradigma de aceitabilidade do corpo. Assim é que o critério valorizado é o de “utilidade” do corpo, o que, como vimos na leitura do conceito de biopoder em Foucault, é obtido pelo processo de doutrinação das funções e expressões desse corpo, bem como da sua adequação ao que estabelecem os valores sociais, com seus paradigmas e suas restrições. Mas o corpo humano é mais que isso. Voltemos a Merleau-Ponty em sua *Fenomenologia da percepção*:

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo (...). O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 256-257).

A compreensão dessa “transcendência” – ao menos enquanto virtualidade de captação de significados, que é o foco da preocupação de Merleau-Ponty no trecho acima – pressupõe que, ao se falar de envelhecimento, se veja essa realidade da condição humana para além da noção disseminada que a associa a algo desvalorizável (porque não mais útil) pelo modelo do capitalismo.

Expoente celebrado da ficção surgida em Portugal neste século, Valter Hugo Mãe é entre os autores de sua geração o que tem merecido maior reconhecimento da crítica, pela consistência precoce com que investe na construção de uma obra coesa e original, de que é exemplo celebrado o romance *A máquina de fazer espanhóis*. Essa notoriedade se deve ao investimento numa escrita que é universal por tratar de problemas humanos de grande relevância, para os quais a sua arte busca alertar, num projeto de reconstituição do primado de valores humanos numa sociedade que prioriza a técnica, a “maquinização” dos atos (em benefício do sistema) e a subjugação – com o conseqüente disciplinamento – do corpo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Maria Leonor Pereira Oliveira. *Figurações da velhice nos romances Em Nome da Terra e A máquina de fazer espanhóis*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2013. Disponível em <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13771/1/Tese%20Leonor.pdf>. Acessado em 20/11/2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Antropos, 1989.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MACHADO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. *In*: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

*Recebido para publicação em 29/11/2016*

*Aprovado em 24/03/2017*

## **NOTAS**

1 Mestre em Literatura Brasileira pela UFPR. Doutor em Literatura Portuguesa pela USP. Pós-doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa no Curso de Letras da UTFPR.